

**PROJETOS “TERRITÓRIO DE OPORTUNIDADES” E
“CONVIVER”: EXPERIÊNCIAS SÓCIO-EDUCATIVAS
COM JOVENS**

Grupo Temático: Políticas Sociais voltadas para seguimentos específicos (Infância e Juventude)

Maria Aparecida Tardin Cassab

(Prof^ª. Dr.^ª da Faculdade de Serviço Social/UFJF)

Maria Carolina Ribeiro Portella

(Prof^ª. Ms. da Faculdade de Serviço Social/UFJF)

Francinelly Aparecida Mattoso

(Prof^ª. Substituta da Faculdade de Serviço Social/UFJF)

Anete Negreiros Andrade

(Pesquisadora – Casa de Cultura/UFJF)

Este trabalho apresenta elementos para o debate acerca do trabalho sócio-educativo com jovens. Nesse sentido, são apresentadas questões como a contribuição da extensão universitária para a formação profissional e o retorno do conhecimento desenvolvido no âmbito acadêmico para a sociedade. Com o objetivo de exemplificar essas possibilidades, são apresentadas as ações desenvolvidas por um programa de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) nos últimos anos, a partir do enfoque no trabalho sócio-educativo com jovens.

A Extensão no contexto da Casa de Cultura da UFJF

A extensão universitária consiste em um dos pilares do tripé ensino, pesquisa e extensão que são a base da universidade, ela possibilita a integração ensino e pesquisa com a sociedade, articulando a universidade com os diversos segmentos sociais.

A extensão se baseia na relação entre a universidade e outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e implementadora de desenvolvimento regional e de políticas públicas. Essa diretriz consolida a orientação para cada ação da Extensão Universitária: frente à complexidade e a diversidade da realidade, é necessário eger as questões mais prioritárias, com abrangência suficiente para uma atuação que colabore efetivamente para a mudança social. Definida a questão, e preciso estudá-la em todos seus detalhes, formular soluções, declarar o compromisso pessoal e institucional pela mudança e atuar.

Segundo Iamamoto (1998), a extensão universitária caracteriza-se pelo atendimento às demandas sociais por meio de projetos e atividades de ensino e pesquisa, permitindo a expansão da Universidade para além de suas fronteiras internas. “A extensão concretiza e alarga a dimensão política da instituição universitária – a serviço da coletividade – democratizando-a revertendo suas atividades em um reforço da esfera pública” (IAMAMOTO, 1998, p.72).

O desenvolvimento de relações entre universidade e setores sociais deve ser marcado pelo diálogo, pela ação de mão-dupla, de troca de saberes, de superação do discurso da hegemonia acadêmica – que ainda marca uma concepção ultrapassada de extensão: estender à sociedade o conhecimento acumulado pela universidade – para uma aliança com movimentos sociais de superação de desigualdades e de exclusão.

Reafirmando a extensão como processo acadêmico – justificando-lhe o adjetivo “universitária” –, em que toda ação de extensão deverá estar vinculada ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o aluno como protagonista de sua formação técnica para obtenção de competências necessárias à atuação profissional, e de sua formação cidadã – reconhecer-se agente da garantia de direitos e deveres, assumindo uma visão transformadora e um compromisso.

O Plano Nacional de Extensão Universitária define a extensão universitária:

A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como conseqüências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2000/2001, p. 5).

Na Universidade Federal de Juiz de Fora¹, as atividades de extensão são vinculadas à PROEXC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura) que trabalha com a articulação e coordenação das atividades de extensão universitária dos diversos setores da UFJF, em suas mais variadas formas de ação: programas, projetos, eventos, cursos, prestação de serviços, apresentações e publicações de extensão.

A PROEXC coordena e apóia programas, projetos, eventos e demais atividades de extensão, devendo considerar o compromisso social da universidade como instituição pública empenhada na ação reflexiva de questões que envolvem a maioria da população.

No ano de 2009 são 270 projetos de extensão sendo desenvolvidos na UFJF, que abarcam 350 bolsistas e 170 professores coordenadores, vinculados à PROEXC.

¹ A UFJF, a partir de sua criação 1960, contribuiu em muito para transformar a economia e a sociedade juizforana, trazendo alunos de diversas localidades não só da Zona da Mata mineira, como também do Sul de Minas Gerais e de lugares próximos situados no Rio de Janeiro. A UFJF reúne na atualidade 16 unidades acadêmicas (institutos e faculdades), que oferecem 35 cursos de graduação, 23 mestrados e 9 doutorados, diversos cursos de especialização, além de cursos de Educação Profissional e Média, ministrados por seu Colégio Técnico Universitário e Educação Fundamental e Média, através do seu Colégio de Aplicação.

A Casa de Cultura, inaugurada em 14 de agosto de 2006, é um espaço acadêmico da UFJF, vinculado administrativamente à Faculdade de Serviço Social, que tem por finalidade precípua desenvolver efetivo trabalho de extensão cultural em articulação com o ensino e a pesquisa. Voltado para a comunidade em geral, busca contribuir para a consolidação de um sistema de formação cultural sólido, permanente e de amplo alcance. Sua missão é:

ser um espaço experimental interdisciplinar de produção e socialização de projetos sócio-culturais e artísticos que incidam no terreno mais amplo das práticas culturais e identidades sociais, com o objetivo de mapear compreender e criar canais de (re) construção de valores éticos, políticos e estéticos.

Neste sentido, as ações visam:

- I. Produzir e socialização de pesquisas, que estejam, prioritariamente, vinculadas às expressões da questão social e às ações destinadas ao seu enfrentamento;
- II. Realizar, sistematização e socialização de experimentos que respondam aos desafios presentes em problemáticas específicas da sociedade, que possam expressar experiências sociais ou culturais e artísticas significativas e inovadoras;
- III. Desenvolver do diálogo crítico com grupos, movimentos e instituições sociais e artísticas de Juiz de Fora, que tenham como objetivo organizar suas ações e manifestações em prol do enriquecimento social e cultural da cidade e do Estado, no sentido do fortalecimento e consolidação da dinâmica democrática;
- IV. Redesenhar a atuação social das artes e dos produtos culturais em Juiz de Fora e região, ampliando a investida dessas ações no mundo do trabalho e no espaço da vida cotidiana.
- V. Propor, apoiar e incentivar ações e eventos que propiciem a integração da comunidade acadêmica com as secretarias de educação e cultura municipais e estaduais de Juiz de Fora e Região, com as entidades representativas da sociedade civil, tais como sindicatos e movimentos sociais e com a comunidade em geral.

- VI. Difundir e estimular as artes, sua produção e seu pensamento, em todos os seus aspectos;
- VII. Promover cursos práticos e teóricos, conferências, debates, seminários, encontros sobre questões objeto de seus Núcleos;
- VIII. Promover intercâmbio com instituições congêneres do Brasil e do exterior, bem como realizar outras atividades de caráter social, cultural e artístico pertinentes, nos termos deste Regimento.
- IX. Promover o aperfeiçoamento permanente dos agentes culturais diretos (atores, músicos, produtores culturais, artistas plásticos, cineclubistas, etc), e indiretos (professores, sindicalistas, representantes dos movimentos sociais, etc).
- X. Promover a complementação educacional de crianças e adolescentes e oferecer cursos descentralizados dirigidos a donas de casa, jovens, idosos e trabalhadores.
- XI. Promover amplo acesso a livros, obras de arte, vídeos, filmes de ficção e documentários, e a espetáculos dos mais variados estilos.

A **Casa de Cultura** se organiza em três dimensões dialeticamente articuladas:

- **Geracional**, que trabalha com crianças, jovens, adultos e idosos. Esta dimensão se realiza em torno do **Núcleo de Extensão Geracional**.

Este Núcleo é responsável por duas tarefas fundamentais: produzir e difundir novos conhecimentos e metodologias de trabalho na área sócio-educativa e sócio cultural através de ações experimentais, e fomentar uma rede de pesquisadores em estudos sócio-geracionais.

O Núcleo desenvolve dois Programas de Pesquisa e Extensão sobre Gerações: o Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Infância e Juventude e o Pólo Interdisciplinar na Área do Envelhecimento.

- **Trabalho e Cultura**, que diz respeito às formas e situações culturais e artísticas que a produção social realiza na cotidianidade. É concretizada através do Núcleo de Extensão Trabalho e Cultura.

- **Território e Cidade**, que mobiliza os diferentes campos que interferem nas duas outras dimensões. Esta dimensão é concretizada no Núcleo de Extensão Território e Cidade.

Este Núcleo se estrutura como um espaço aberto e plural, vocacionado a possibilitar o encontro e a confluência das diversas manifestações sócio-culturais e artísticas, possibilitando o diálogo entre o acervo cultural nacional e transnacional das culturas e a diversidade da produção artística local e regional.

O Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude é um Programa de Extensão Universitária que há 15 anos vem atuando na busca do fortalecimento das políticas públicas voltadas para a família, infância e juventude na Zona da Mata Mineira. A partir do ano de 2004 ganhou nova forma e maior densidade, iniciando uma fase, cuja ênfase maior passou a ser as ações de extensão, ensino e pesquisa na área da juventude.

A primeira ação desencadeada foi a elaboração do Projeto “UFJF- Território de Oportunidades”, em que se partia do entendimento de que a questão central que perpassa a juventude contemporânea estava centrada num mundo que não oferece oportunidades aos jovens de se inserirem na vida social.

Desta forma, o Projeto foi estruturado a partir dos seguintes objetivos: democratizar o acesso à universidade pública através de ações que visassem o aprimoramento de estudos e potencialização de vocações a jovens estudantes do ensino médio público estadual de Juiz de Fora; oferecer para os jovens participantes do programa oportunidades de acesso ao conhecimento e ao trabalho vocacionado e formar agentes multiplicadores para ações culturais e educativas na sua comunidade de origem.

Para a realização do Projeto construiu-se parcerias no interior da própria universidade para que fosse propiciada a inserção dos jovens nas atividades. A construção deste coletivo de parceiros se deu através do diálogo referenciado nos seguintes pontos: A) as oficinas deveriam ser projetos de extensão, registrados na Pró-Reitoria de Extensão, sendo reconhecidas como parte da produção dos professores e contando com o apoio institucional; B) as atividades deveriam acontecer no campus universitário; C) as atividades deveriam ser executadas por alunos de diversos cursos de graduação, sob a orientação dos docentes, para que se pudesse estabelecer as relações entre os jovens universitários e jovens atendidos. Além disso, cada professor autonomamente, construiria a arquitetura das oficinas. (CASSAB; PORTELLA, 2006, p. 38).

Cassab e Portella (2006), afirmam que a formação do coletivo de professores foi se dando na medida em que estes passaram a se reconhecer e se situar dentro do projeto e a imaginá-lo a partir de suas contribuições. Contudo, só foi possível construir a unidade na diversidade dos projetos, a partir de alguns fundamentos que foram compartilhados por todos para o desenvolvimento de suas ações.

Primeiramente, o ponto comum era o entendimento de que a juventude é um momento de difícil travessia da infância para a vida adulta, sendo uma construção histórica e cultural. É um período de escolhas e descobertas, mas também, em especial para os jovens pobres, um tempo de grandes riscos sociais como a drogadição, violência urbana, brutalização da sexualidade, muitas vezes associada a gravidez precoce, intensa instabilidade do futuro, etc.

Outro aspecto importante era a compreensão do lugar do jovem na vida social, que foi entendida por todos os docentes como sendo “um não lugar dos jovens na sociedade contemporânea” (CASSAB e PORTELLA, 2006:40), já que as profundas mudanças experimentadas na atualidade lançavam os indivíduos em um mundo no qual não se pode mais recorrer as regras antes existentes e não se sabe mais o que fazer diante da vida, tanto individualmente, quanto coletivamente.

Estas concepções se materializam na ação educativa que visava a transformação interna do jovem - passar de um suposto lugar de saber parcial para outro de compreensão de si, dos outros e da realidade - com o objetivo de auxiliá-los na construção de metas individuais e coletivas pelas quais vale a pena investir.

Assim, construiu-se uma política de ação,

Que procura produzir nos jovens a crítica ao consumismo, ao individualismo e ao imediatismo, o resgate da afetividade, a potencialização da linguagem e das expressões subjetivas. Esta crítica parte de uma dialógica assentada na compreensão de que não há um mundo sem sofrimento e miséria, um mundo de abundância na fruição do prazer imediato e satisfação de desejos. É preciso que o jovem tenha instrumentos para compreensão de um mundo desigual que produz mais sofrimentos para uns do que para outros. Ao mesmo tempo em que se estabelece este princípio de realidade também se constrói a idéia de que é possível produzir práticas coletivas que extravasam as margens definidas, rompem com os esquemas de controle-captura-fragilização-criminalização-repressão que cercam os jovens no mundo e no Brasil de forma muito aguda. (CASSAB e PORTELLA, 2006, p.41).

Outra dimensão importante da ação educativa foi a de serem jovens educando jovens. Esta idéia possibilita a formação de alunos de graduação capazes de incorporar à sua atividade profissional, a experiência adquirida no projeto. Assim, a formação proposta pelo projeto visava construir um movimento sincrônico de fora para dentro e de dentro para fora, refletindo sobre a condição de educador e educando.

É por isso que, como afirma Cassab e Portella (2006:42), o Projeto se “revela como um Território de Oportunidades para todos”.

A realização do projeto se deu através do oferecimento de oficinas agrupadas em três grandes grupos. No primeiro grupo estavam as oficinas que ofereciam aos jovens a oportunidade de acesso a linguagens e ferramentas indispensáveis ao mundo de hoje e que, via de regra, não eram disponíveis para os jovens pobres. São elas: Língua Estrangeira; Informática; Geoprocessamento; Novas Tecnologias e Ação Comunitária; Letramento; Sócio-educativo.

Já no segundo grupo estavam as oficinas que propiciavam o acesso à cultura e aos bens simbólicos socialmente produzidos, e que de forma geral, são desigualmente apropriados, como: Língua Estrangeira, Letramento, Geoprocessamento, a Oficina Sócio -educativa e a de Cultura Política.

O terceiro grupo era composto pelas oficinas que articulavam a cultura e as formas de trabalho corporal, como as oficinas Teatro, HIP-HOP, Capoeira e Educação Física.

Destaca-se que a oficina sócio-educativa é um espaço de diálogo, de troca de experiências e vivências entre os jovens e os coordenadores e que por meio das temáticas trabalhadas desenvolvia interlocução direta com todas as demais oficinas.

As oficinas que compunham estes grupos eram articuladas através de três eixos que perpassavam as discussões: a Sociabilidade, o Território e a Oportunidade.

No Eixo da Sociabilidade o debate estava centrado nas relações que são estabelecidas entre os jovens e seus pares, adultos, crianças, idosos e instituições enfocando suas possibilidades e conflitos.

O Eixo Território tinha como ênfase a apropriação da cidade e o exercício do direito à cidade, pois é nela que os laços de solidariedade, as relações entre vizinhos e as relações sociais acontecem e consolidam. Neste aspecto, a forma como o indivíduo se relaciona e apropria deste espaço, condiciona seu valor como produtor, consumidor e cidadão.

No Eixo Oportunidade o debate se dava em torno das questões referentes à inserção dos jovens e as possibilidades de inclusão social, refletindo sobre os processos de competitividade estabelecida na sociedade e as requisições que são colocadas para a inserção social (Mendes, 2006). Neste sentido, o enfoque era dado às práticas individuais e coletivas e nas instituições sociais, políticas e econômicas que atuam na vida social, seja produzindo, reproduzindo ou reforçando a desigualdade e discriminação a certos grupos sociais, seja oferecendo oportunidades de inserção destes grupos.

Porém, é importante ressaltar que para a execução do projeto foi necessário obter financiamento interno e externo. Para a primeira turma, a universidade disponibilizou, além das bolsas de extensão para os discentes dos projetos de extensão², outras 20 bolsas denominadas “extensão júnior”, para os jovens atendidos pelo Projeto. Já o custeio das despesas provenientes da contratação de funcionários (1 assistente social, 1 geógrafo e um secretário); da complementação de 10 bolsas para os jovens do projeto, da ampliação do quadro de bolsistas acadêmicos a fim de atender a toda; da aquisição de material permanente e de consumo e para auxílio transporte, foi através de financiamento externo - emenda parlamentar³.

Os resultados acumulados com o Projeto “UFJF - Território de Oportunidades” indicam que a proposta, de caráter experimental, demonstra a importância das etapas de planejamento e execução das atividades realizadas em cada uma das oficinas, como também um constante movimento de avaliação e aperfeiçoamento da metodologia aplicada, buscando aperfeiçoamento.

Nessa perspectiva, a metodologia utilizada foi se modificando ao longo dos anos, de acordo com os temas e os objetivos propostos.

A metodologia das oficinas de trabalho sócio-educativo deve levar em consideração alguns aspectos das relações entre os jovens, para melhor trabalhar os conflitos que surgem e que impedem a realização das atividades. A equipe de coordenação deve entender o grupo como um conjunto de pessoas que possuem um objetivo, a princípio, comum, e que trabalham em prol de sua consecução. Entretanto, o

² Cada estudante, tanto da graduação quanto do ensino médio, recebia uma bolsa de extensão no valor de R\$200,00.

³ A primeira emenda parlamentar recebida pelo Projeto foi do Deputado Federal Sérgio Miranda (PDT), no ano de 2005, sendo sua continuidade garantida a partir de 2007, pela emenda parlamentar recebida pelo então Deputado Federal César Medeiros (PT-MG).

grupo não pressupõe harmonia pela falta de conflitos; pelo contrário: a existência de conflitos é natural, necessário para o crescimento do grupo.

A maneira de lidar com os conflitos que surgem é a partir da realização de encontros nos quais a coordenação deve propor aos jovens um espaço de identificação desses conflitos e a construção de “soluções” (quando possível) para eles.

Deve ser dada uma maior atenção às situações que os adolescentes trazem para o grupo, às vezes implicitamente, no decorrer das reuniões, de modo a identificar situações que posteriormente são transformadas em temáticas a serem discutidas em grupo, como por exemplo, a sexualidade e o preconceito.

Conclui-se que a metodologia a ser trabalhada, caso o objetivo seja um maior envolvimento dos jovens nas atividades, precisa considerar a temática grupo, partindo de uma perspectiva da individualidade para a da coletividade, buscando, assim, condições para o pleno desenvolvimento do grupo. É importante também, procurar sondar as necessidades e demandas dos jovens integrantes da oficina, de modo que eles percebam a importância de se discutir as temáticas propostas.

2. As ações desenvolvidas atualmente

Através do Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude são desenvolvidas atualmente três frentes de trabalho:

1) O Estatuto da Criança e do Adolescente nas Escolas:

Trata-se de um projeto desenvolvido pelo Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude – UFJF, com o objetivo de discutir com professores e coordenadores da rede pública de ensino as temáticas que perpassam os direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como enfoque o Estatuto da Criança e do Adolescente.

O projeto tem como objetivos: Instrumentalizar os educadores, nos campos teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo, para uma intervenção, direta e indireta, nas expressões de violência no ambiente escolar, visando proporcionar uma melhoria nas relações pedagógicas entre professores e alunos, conforme princípios assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA);

Seu público alvo são os diretores, coordenadores, professores da rede pública de ensino e adolescentes; doutrina de Proteção Integral; concepção de criança e adolescentes integrantes do Núcleo Central de Apoio ao Programa Paz nas Escolas,

mantido pela Secretaria de Educação de Juiz de Fora, composto por representantes da Polícia Militar, Conselho Tutelar, Comissariado, Superintendência Estadual de Ensino e por profissionais da própria Secretaria de Educação de Juiz de Fora.

2) Espaço da família: construindo possibilidades de emancipação

Esse projeto tem como norte a emancipação das famílias, buscando a superação do conservadorismo e do caráter criminalizador que muitas vezes reveste as ações destinadas a essa categoria.

O trabalho com famílias se tornou em eixo de intervenção do Pólo de Suporte as Políticas de Proteção à família, infância e Juventude, para atender uma demanda apresentada pelas mesmas.

O projeto visa propiciar às famílias momentos de reflexão, resgatando suas potencialidades, a fim de construir novas formas de inserção social. Este trabalho é destinado às famílias dos jovens atendidos pelo Projeto ConViver e acontece nos bairros de origem, a partir de encontros quinzenais.

O objetivo é fomentar a reflexão das famílias sobre da problemática social da sua comunidade. Pretende-se despertar a capacidade de análise crítica acerca das questões vivenciadas pelas famílias, no bairro, no trabalho e nos demais espaços da sociedade. E ainda, propiciar às famílias participantes momentos de reflexão resgatando suas potencialidades enquanto núcleo familiar; retirar a atenção das fragilidades da família e valorizar as possibilidades; resgatar nas famílias as faculdades pertinentes ao homem público: fala senso-comum, memória, imparcialidade e julgamento.

3- Projeto ConViver: Formação para a cidadania e a construção de espaços democráticos

O Projeto ConViver é desenvolvido com base na experiência do projeto “UFJF – Território de Oportunidades”, tem hoje suas atividades financiadas pelo Ministério da Cultura, a partir do projeto “Educação e Cultura Geracional”⁴, que é uma proposta de ensino, pesquisa e extensão voltada para a articulação entre as temáticas do Trabalho, das Gerações e da Cultura. Este grande projeto envolve os três núcleos centrais da Casa

⁴ Este projeto está sendo financiado através da emenda parlamentar do Deputado Federal Gilmar Machado (PT-MG), a partir da verba disponibilizada pelo Ministério da Cultura.

de Cultura, e, conseqüentemente o Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude, vinculado ao Núcleo de Gerações.

As atividades do Projeto Conviver são desenvolvidas em articulação com o projeto “Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária”⁵ que busca despertar a análise crítica dos adolescentes em relação aos meios de comunicação com base na comunicação popular. Além disso, a partir do Projeto “Educação e Cultura Geracional” as atividades possuem articulação direta com as ações desenvolvidas pelos outros núcleos da Casa de Cultura.

As atividades têm como eixo articulador as temáticas: geração, memória e território. São atendidos 31 jovens estudantes de escolas públicas, provenientes dos bairros Dom Bosco e São Pedro, a partir de oficinas semanais que acontecem na Casa de Cultura. Os jovens foram divididos em 2 turmas de 15 para o melhor aproveitamento das oficinas e maior qualidade nas discussões.

Os jovens recebem uma bolsa mensal no valor de R\$ 100, 00, lanche e auxílio transporte para participarem das oficinas educativas e culturais desenvolvidas na Casa de Cultura e esporadicamente no espaço escolar dos seus bairros de origem. A carga horária é de 12 horas semanais, com duração de 6 meses.

As atividades do Projeto ConViver são desenvolvidas através de oficinas sócio-educativas que ocorrem uma vez por semana, conjuntamente com as demais oficinas do projeto “Comunicação para a Cidadania”.

O conteúdo das oficinas é elaborado e discutido previamente pelas estagiárias responsáveis pelo projeto e pela coordenadora, buscando uma forma de trabalhar dinâmica, com o propósito de envolver os adolescentes.

A equipe do Projeto é composta por 2 bolsistas de extensão e 2 estagiárias, todas alunas do curso de Serviço Social, 1 Técnica Pesquisadora com formação em Serviço Social, coordenadora das atividades, e 1 Técnica Pesquisadora com formação em Ciências Sociais.

⁵ O referido projeto apresenta-se como um trabalho de extensão e pesquisa desenvolvido por professores doutores do Mestrado de Comunicação da UFJF conjuntamente com bolsistas de extensão e treinamento profissional, consistindo, sobretudo, no oferecimento das seguintes oficinas: jornal, rádio, TV, impresso; fotografia, vídeo, cultura política, novas tecnologias e ação comunitária. Paralelamente também são desenvolvidas oficinas de Teatro.

O objetivo do Projeto “Conviver” é possibilitar a reflexão crítica dos jovens acerca da sua realidade, bem como oferecer o acesso a informações sobre seus direitos com vistas a desenvolver sua capacidade de ação transformadora. Assim, através das questões vivenciadas por eles no bairro, na escola e nos demais espaços, pretende-se que eles possam compreender o papel que ocupam na sociedade, para então transformá-la.

Deste modo, o projeto visa também oferecer oportunidades de formação e preparação dos jovens através de ações que fortaleçam o convívio democrático e o protagonismo juvenil na sociedade. São ainda objetivos complementares do Projeto: proporcionar aos adolescentes o acesso a novas informações e conhecimentos ultrapassando o espaço escolar; estabelecer um espaço de convívio em que os adolescentes possam desenvolver suas habilidades intelectuais; possibilitar o acesso ao conhecimento de uma universidade pública a qual, terá a possibilidade de construir novos conhecimentos, ao se aproximar da realidade de uma comunidade que se localiza em seu entorno.

O caráter específico da perspectiva sócio-educativa cria condições para abordagens amplas, que visam contribuir para uma reflexão crítica acerca de determinadas temáticas ou situações.

A forma de educação que norteia o trabalho sócio-educativo parte do pressuposto de que ela não se reduz à mera transmissão e acúmulo de conteúdos, mas diz respeito às experiências sociais, em que cada um vai se construindo e sendo construído como ser humano. Com isso, o olhar sobre os jovens supera a noção de aluno do sistema escolar tradicional, como mero depositário de informações. Freire (1983) mostra que o conhecimento:

(...) exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o ‘como’ de se conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1983, p. 27).

O propósito dessa forma, é que as problematizações empreendidas nas oficinas permitam aos jovens pensar sobre sua realidade concreta a fim de compreendê-la, explicá-la e transformá-la.

Nas oficinas do “Conviver” as discussões são atravessadas por temáticas pré-estabelecidas pela equipe, que segue os eixos de discussão que são trabalhadas em todas as oficinas do projeto “Comunicação para a Cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária” e do projeto “Conviver”. São os eixos: Juventude, Território e Ação Política.

Os eixos de discussão são bastante amplos, possibilitando à equipe a adesão de temáticas sugeridas pelos jovens bem como as discussões que se fizerem necessárias no decorrer das atividades, pois, as manifestações inseridas nos processos grupais se configuram como importantes demandas que devem ser apreendidas e trabalhadas. Como a proposta de trabalho compreende que os jovens não são meros depositários de informações, pois são sujeitos de direitos ativos, eles devem construir conjuntamente com a equipe, o conhecimento produzido nas oficinas. Dessa forma se faz necessário que os eixos de discussão permitam a inclusão de temáticas alinhadas com a realidade em que estes sujeitos vivem e em consonância com as demandas que eles nos colocam.

A partir da temática pré-estabelecida são buscadas mediações, através de exercícios, para introdução e discussão do tema. A dinamicidade das oficinas é importante, como um fator de motivação para adesão e real participação dos jovens durante as discussões.

Os eixos trabalhados no Projeto são: Juventude, Território e Ação Política. O primeiro eixo contempla as temáticas como o ECA (Estatuto da Criança e Adolescentes), Sexualidade, Geração, Etnia e Identidade, Trabalho e Perspectivas de Futuro. O segundo eixo aborda a história dos bairros de origem dos jovens atendidos pelo Projeto e as questões vivenciadas cotidianamente em suas comunidades, além disso contempla visitas aos bairros e discussões referentes a inserção destes no município de Juiz de Fora, a partir da problematização da cidade. Por fim, o eixo da Ação Política centra-se na discussão de 2 temáticas principais, quais sejam direitos sociais, participação e organização política.

Os jovens contemplados pelo projeto são moradores de dois bairros vizinhos da UFJF: Dom Bosco e São Pedro. São atendidos 31 jovens, sendo 16 do bairro Dom Bosco e 15 do bairro São Pedro.

O bairro Dom Bosco, se situa na Região Central de Juiz de Fora, mas é diferenciado dos demais bairros da região. Ele possui um padrão de ocupação inferior aos bairros vizinhos, porém com uma tendência de melhoria verificada principalmente nas partes baixas. Apresenta predominância de uso residencial unifamiliar, com alguma

incidência de prédios com três pavimentos e padrão sócio-econômico baixo a médio; o sistema viário é insuficiente, com vias estreitas de declividades acentuadas; há ocorrência de ocupações em encostas muito íngremes, que se constituem em áreas de risco. Articula-se com os bairros vizinhos, tanto em termos de ligação viária para o centro, como para atendimento das necessidades básicas de seus moradores.

O bairro Dom Bosco faz divisa com os bairros São Mateus, Cascatinha e com a UFJF; possui aproximadamente 5.000 habitantes. Em relação aos equipamentos sociais, o bairro possui uma escola municipal (E. M. Álvaro Braga de Araújo) e uma escola estadual (E. E. Dom Orione).

Os jovens residentes no bairro Dom Bosco estão na faixa-etária entre 14 e 18 anos. Desses 16, 6 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Todos se declararam afro-descendentes (14 negros e 2 pardos). Todos estão cursando o Ensino Médio em escola pública.

A grande maioria dos jovens destacou como principais motivos de interesse pelo projeto a oportunidade de obter novos conhecimentos, ocupar o tempo livre e receber a bolsa mensal no valor de R\$ 100; paralelamente esperam que o projeto os possibilite ampliar os conhecimentos e ampliar as relações pessoais, sendo que apenas dois jovens destacaram a possibilidade de ampliar a participação na sociedade como uma expectativa em relação ao projeto.

No que se refere à relação que estabelecem com a cidade, ao serem questionados sobre os lugares que têm costume de freqüentar, os jovens enfatizaram que estão acostumados a ficarem mais no próprio bairro, ou se deslocarem até bairros vizinhos e ir a festas ou pagodes que ocorrem no Centro.

O Bairro São Pedro está dentro da Região Oeste de Juiz de Fora. A Região Oeste da cidade, composta por 37 bairros e conhecida como Cidade Alta, é hoje a principal área de expansão da cidade e tem como um de seus representantes mais expressivos o bairro São Pedro.

Nas décadas de 1960 e 1970, novas ligações ao campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pela Avenida Independência, e à BR-040, proporcionaram intensificação da ocupação, fazendo com que a região fosse apontada entre os maiores responsáveis pela expansão da cidade. A UFJF exerce essa influência por sua importância enquanto uma das melhores universidades públicas do país, sendo forte atrativo para estudantes de diversas regiões do Brasil.

Com a chegada crescente de novos moradores, o comércio foi incrementado e a área, valorizada. Hoje a região liderada pelo bairro São Pedro apresenta-se como área de investimentos pela boa rede de infra-estrutura estabelecida no local, por sua localização estratégica e pelos novos empreendimentos em curso.

Caracteriza-se por uma ocupação horizontalizada, alastrada pela totalidade do território, com predominância de residências unifamiliares de, no máximo, dois pavimentos. As atividades econômicas são heterogêneas. Há uma concentração maior nos principais corredores dos bairros São Pedro. Em relação aos equipamentos sociais, constata-se que a região conta com três UBS's, localizadas nos bairros Borboleta, Santos Dumont e São Pedro; sete escolas municipais, uma escola estadual, localizada no bairro Borboleta e uma creche municipal e um curumim, ambos localizados no bairro São Pedro.

Os jovens residentes no bairro São Pedro e adjacências estão na faixa-etária entre 15 e 19 anos (a maioria, nove, possui 16 anos). Desses, 5 são do sexo masculino e 10 do sexo feminino. São 6 jovens se declararam brancos, 6 pardos e 3 negros. Todos cursam o 2º ano do Ensino Médio na E. E. do bairro São Pedro, escola recém inaugurada e que conta com moderna infra-estrutura.

Todos os jovens destacaram como principal motivo de interesse pelo projeto a obtenção de novos conhecimentos, além do interesse pelas oficinas a serem oferecidas. Como as expectativas apontaram, esperam que o projeto os possibilite ampliar os conhecimentos e ampliar as relações pessoais; em número maior do que constatado no bairro Dom Bosco, seis jovens destacaram a possibilidade de ampliar a participação na sociedade como uma expectativa em relação ao projeto.

No que se refere à relação que estabelecem com a cidade, assim como os jovens do bairro Dom Bosco, os jovens do bairro São Pedro em sua maioria ficam restritos ao próprio bairro e adjacências. Quando se deslocam até outros bairros é para visitar parentes. Poucos foram os que relataram que passeiam em shoppings e freqüentam casas de shows e festas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSAB, M. A. T. (Org.). **Para construir espaços solidários: uma metodologia de trabalho com jovens.** Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1998.

BRASIL, Plano Nacional de Extensão Universitária. 2000/2001
http://proex.epm.br/projetossociais/renex/plano_nacional.htm, acesso em 31 de março de 2009.

MENDES, J. T. N; et al. O trabalho com jovens no projeto UFJF: Território de Oportunidades. In: CASSAB, M. A. T. (Org.). **Para construir espaços solidários:** uma metodologia de trabalho com jovens. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.p. 103-116.